

### *Finais de Janeiro de 1994*

eu vou.

Este *eu vou* é como o cabeçalho de uma carta.

Eu vou,

o meu mundo «moderno» é perturbante. Só no fim do texto eu o deveria dizer, mas o fim do texto é imprevisível — estaca subitamente. Fica dito.

Levantei-me, pois, com dificuldade, sentindo na mão uma renda, mas pesada como uma salva de prata; choveu torrencialmente durante a noite, ventou, estou ao pé da letra, mergulhada dentro da água com imagens que passam rapidamente — releio *Causa Amante*, e admiro-me com a sua perenidade, estou-lhe grata por me ter tirado da cama, me acompanhar no banho e ter um som que me leva para outro lugar. Parece-me que Herbais está agora em toda a parte da casa, e que um poço profundo habita Sintra. Trago meias curtas mui-

tas vezes, este inverno. Mal cobrem os tornozelos. É sendo criança nos pés que entro no meu mundo «moderno».

O território desta casa, hoje, dia de chuva, estremece como uma chávena nas mão de Deus. Apesar de frágil, acho-o belo. Faz parte da minha sobrevivência actual, é o caderno guardado onde escrevo os meus apontamentos antes de ir à vida da rua, fazer as compras do dia, tomar um café de máquina.

A felicidade de morar mais tempo numa cidade consiste, de facto, em ao atravessar a rua, num dia chuvoso, entrar num café em que se ouve música de máquina e ouvir outro cliente

dizer que é sensual e sublime. Ele refere-se à música e o que diz faz parte de um diálogo que se joga para cá e para lá do balcão — a propósito de um nome, o de quem serve —, e para quem eu olho com certa surpresa por deparar com um rosto de mulher que dá parte de inocente.

«Tudo isto se passa à maneira de Verlaine», segreda-me a árvore genealógica da minha sensibilidade e sabores. Não é que eu oiça, entretida a saborear o meu café; é o que me segreda o passo cadenciado da parelha de cavalos que estaca, abrupta, em frente do «bistrot». Dizem-me ainda, cobrindo o diálogo de sedução que se passa ao lado, ao ritmo da música de Elvis «as metáforas dos cavalos sobre o texto não são metáforas. Não é o texto que estaca como nós — tudo estaca subitamente.» Tudo o que há pára de súbito. E, constantemente, recomeça.

Eu vou.

Eu vou pensar a minha vida do exterior, vê-la passar na rua enquanto sinto o golpe de força matinal. Depois do café da

manhã, subo as escadas. Dois lanços. Sobre os azulejos brancos da cozinha vejo um novelo de pó que agregou outros materiais e adquiriu uma consistência entrópica visível. Para mim, aqui, o chão deve ser ininterrupto e liso, é, creio, um dos espelho de céu que me foi destinado, e onde devo trabalhar. O lavá-lo, sobretudo com água simples, sempre foi para mim um grande prazer, como o foi muito particularmente na casa de Jodoigne onde a extensão dos chãos reunidos era imensa. Apanho o pequeno torvelinho, abro a janela e quero atirá-lo para fora, para o telhado inferior onde contribuo para alimentar, com arroz, os pássaros da estação; mas o torvelinho enovela-se no vento, e regressa. Por momentos, estacou e vejo-o entrar, de novo, na minha casa, enquanto uma frase corre branca e rápida pelo meu espírito «repara, este é o grande acontecimento da manhã.» Deixo-o entrar e ir pousar-se num dos cantos da minha estante — o único lugar onde, entre louças, objectos e livros, sou o autor dos mapas de todos os autores. Ou do globo do mundo escrito.

Sento-me.

Às vezes, deixo de ver o mundo accidental que determina a minha realidade, pequenos objectos fragilmente necessários esgueiram-se num outro lugar de que desconheço a cartografia, não sei onde ponho os óculos, onde se encontra a tesoura das unhas, onde deixei a mala. E estaco subitamente. A fragilidade da beleza é uma necessidade mais premente do que a própria colher com que como a sopa; creio que nunca ortografei esta palavra *premente*; não tem regaço profundo, não gosto dela — seria banal num banquete de palavras; só tem realce sobre uma toalha branca. Escrevo-a sobre o torvelinho. Não existem palavras de sentido igual. Mas podemos enovelá-las — e o contraste dos sons leva-lhes o sentido para outro lugar.

À noite, telefono ao Vergílio. Faz anos. Setenta e oito, creio eu.

- Vergílio?
  - Gabriela!
  - Como vai?
  - Mal. Vou perdendo a alegria de escrever.
  - Como?
  - Estou velho, muito cansado, esvai-se-me a cabeça... Já não há nada para escrever.
  - Não é verdade. O Vergílio terá sempre que escrever.
  - A Gabriela vem-me sempre com essa...  
Deste lado, devo ter rido.
  - E ri, ainda por cima. Tem escrito?
- Falo-lhe de como tudo pára de súbito e recomeça, dos objectos fragilmente necessários, da toalha branca, da palavra premente e do torvelinho. Sinto que escuta atentamente.
- Tem piada, esse torvelinho é como eu — diz de lá, e pára de repente. — Passei quase toda a vida num torvelinho mas, por vezes, creio que fui toalha branca.

*27 de Maio de 1994*

\_\_\_\_\_ hoje, com a janela aberta, sou um fenómeno atmosférico, eu e a neblina que se move para o lado direito e, já neste instante, principia a cair em chuva. Não consigo estabilizar-me num estado introverso. O Augusto vive agora numa grande reserva interior criando entre nós uma vasta zona de silêncio que se transforma em neblina afectiva; soube sempre onde o encontrar — para onde lançar toda a minha pujança, e encontrar eco; só a travessia da metanoite que, por estes dias, principiei a tentar escrever em Lisboa-leipzig II lhe poderá dar, por agora, o seu verdadeiro sentido. Mas, dentro da metanoite, sinto uma certa felicidade pungente, ou uma infelicidade que alumia. Esta casa que nos seus acabamentos, nos seus móveis, na sua construção, é belamente azul, não parecia feita para receber um tal silêncio.

\_\_\_\_\_ saio para ir comprar linha branca.

Dirijo-me para os lados do supermercado onde sei haver uma loja de artigos miúdos — botões, linhas, agulhas, baga-